JOURNAL OF EDUCATION, SCIENCE AND HEALTH – JESH
Revista de Educação, Ciência e Saúde
DOI: https://www.doi.org/10.52832/jesh.v5i3.627
Home page: https://bio10publicacao.com.br/jesh
e-ISSN: 2763-6119

OFICINA DE JORNAL: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS SURDOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

NEWSPAPER´S WORKSHOP: AN EXPERIENCE WITH DEAF STUDENTS OF THE ELEMENTARY SCHOOL

Verônica de Oliveira Louro[1]; Raquel Batista dos Santos[2];

[1]Mestrado pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora da Educação Básica pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Rio de Janeiro, Brasil; [2]Mestrado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora da Educação Básica pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Rio de Janeiro, Brasil.
*Autor correspondente: veolivlouro@hotmail.com; raquelbatistasantos@gmail.com.

Recebido: 25/06/2025 | **Aprovado**: 31/07/2025 | **Publicado**: 16/08/2025

Resumo: Este artigo apresenta um relato de experiência na Oficina de Jornal com alunos surdos do Ensino Fundamental do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro. O objetivo da oficina foi desenvolver habilidades de leitura e escrita por meio de gêneros jornalísticos como lead, notícia e legenda, considerando as especificidades linguísticas dos alunos surdos, cuja primeira língua é a Língua Brasileira de Sinais (Libras). As atividades foram adaptadas ao nível de proficiência dos discentes, com foco na produção textual em língua portuguesa e no letramento crítico. A metodologia envolveu práticas pedagógicas com apoio visual, leitura de jornais impressos e produção de conteúdos contextualizados ao cotidiano escolar. Apesar dos desafios enfrentados, como a baixa adesão após greve escolar, os resultados revelaram progressos significativos na expressão escrita dos participantes, evidenciando a eficácia de estratégias que respeitam o ritmo de aprendizagem dos alunos. A oficina também promoveu um ambiente colaborativo e significativo, reafirmando a importância de propostas inclusivas e adaptadas para o ensino de alunos surdos.

Palavras-chave: Educação de surdos. Gêneros jornalísticos. Letramento. Produção textual.

Abstract: This article presents an experience report of the Newspaper Workshop with deaf elementary school students from the National Institute of Education for the Deaf (INES), in Rio de Janeiro. The aim of the workshop was to develop reading and writing skills through journalistic genres such as lead, news and caption, taking into account the linguistic specificities of deaf students, whose first language is Brazilian Sign Language (Libras). The activities were made to the students' proficiency level, focusing on textual production in Portuguese and critical literacy. The methodology was based on pedagogical practices with visual support, reading of printed newspapers and production of content contextualized to the school daily routine. In spite of the challenges faced, such as low attendance after a school strike, the results revealed meaningful progress in the participants' written expression, showing effective strategies that respect the students' learning pace. The workshop also promoted a collaborative and meaningful environment, reaffirming the importance of inclusive and adapted proposals for teaching deaf students.

Keywords: Deaf education. Journalistic genres. Literacy. Text production.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo ressalta uma experiência pedagógica desenvolvida em uma Oficina de Jornal, voltada para alunos surdos do Ensino Fundamental e Médio do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Apresenta-se um relato das práticas desenvolvidas e das estratégias adotadas durante as aulas e como foram usufruídas nas aulas com alunos surdos.

São diversas as questões que envolvem a educação de surdos. Tratando da inclusão escolar desses alunos, Campos (2013) afirma a necessidade tanto da presença da língua de sinais em sala de aula, como da

formação adequada dos profissionais envolvidos para o uso de abordagens que respeitem as particularidades linguísticas e cognitivas dos estudantes surdos. Como afirma Fernandes (2006), em um cenário que preza pela inclusão, seria contraditório ignorar as particularidades linguísticas dos surdos e, assim, privá-los do pleno acesso tanto à sua língua materna quanto ao idioma oficial do país.

Diante disso, a adoção de uma perspectiva bilíngue é fundamental para a efetivação de práticas positivas na educação de surdos. Quadros & Karnopp (2004) destacam que o modelo bilíngue reconhece a Libras como primeira língua dos alunos surdos e a Língua Portuguesa escrita como segunda, valorizando ambas e promovendo o desenvolvimento pleno de competências comunicativas.

Nesse sentido, a Oficina de Jornal pautou-se em atividades que integraram sempre a Libras — seja na explicação de conceitos jornalísticos, na mediação das discussões e na revisão das produções escritas — e a língua escrita, de modo a fortalecer o bilinguismo e garantir o acesso equitativo ao currículo escolar. Neste artigo, busca-se, portanto, contribuir para o processo de formação de futuros docentes, oferecendo subsídios às reflexões necessárias para a construção dos seus próprios materiais didáticos e para a elaboração de estratégias de ensino de língua portuguesa para o público surdo.

Partimos do entendimento de que a abordagem de gêneros jornalísticos corresponde a um recurso didático eficaz para o ensino de leitura e produção de textos com os alunos da Educação Básica. Estudar com o jornal na sala de aula é (1) trazer o mundo para dentro da escola, dando prioridade aos fatos sociais que ocorrem na sociedade; (2) uma possibilidade do leitor se situar e se inserir na vida social e profissional; (3) levar o aluno a ter posições ideológicas, a tomar posições fundamentadas e a respeitar diferentes pontos de vista; (4) preparar leitores críticos e habilidosos; (5) desenvolver a capacidade intelectual e a engrandecer a cultura dos estudantes; (6) ensinar sobre a norma padrão escrita como referência para produção de textos; (7) ter contato com textos autênticos e (8) ter um registro da história, alinhando o passado ao presente (Faria, 2003).

Por se tratar de alunos surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), cuja segunda língua (L2) é a Língua Portuguesa (Fernandes, 2012, p.107), o trabalho com gêneros textuais requer práticas diferenciadas para atender suas especificidades de leitura e escrita. Dessa forma, mostraremos, a seguir, que as atividades se concentraram em gêneros que combinam texto breve e apoio visual, como leads, legendas e pequenas notícias. A escolha desses formatos buscou facilitar a compreensão e promover o engajamento dos alunos surdos na produção escrita em Língua Portuguesa, conforme as necessidades encontradas durante as atividades em sala de aula.

Vale destacar que a leitura e produção de legendas de fotos é um trabalho muito pertinente com surdos, porque o recurso visual auxilia na compreensão do que está sendo noticiado e serve como ponto de partida para criar o texto. Além disso, o lead colabora para o entendimento da notícia como um todo, uma vez que responde perguntas simples, resumindo o conteúdo do texto e contribuindo ainda mais para a compreensão e produção do texto em L2. Desse modo, a linguagem direta e o apoio visual podem contribuir para tornar os textos mais acessíveis e próximos de suas experiências. Por isso, os gêneros jornalísticos mostram-se especialmente adequados para esse público.

Na seção seguinte, apresentaremos os procedimentos metodológicos adotados na oficina,

contextualizando as decisões pedagógicas tomadas ao longo do percurso.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Participaram da Oficina de Jornal, em média, 8 alunos do Ensino Fundamental II, oriundos de duas turmas de nono ano da Educação Básica do INES. As oficinas aconteceram semanalmente, às quartas, com dois tempos de aula de 45 minutos. A dinâmica das aulas era a apresentação do tema do dia, pesquisa de informações sobre o assunto (textos escritos e fotografias), discussão em Libras, produção individual e/ou produção coletiva. Após a finalização dos textos, eles eram passados a limpo ou digitados no computador e colados no mural da escola, sendo o processo todo realizado pela própria turma.

Um dos objetivos centrais da oficina era a criação de um jornal produzido integralmente pelos discentes da Educação Básica. Contudo, percebemos que os alunos não conheciam ainda os gêneros jornalísticos para que pudessem produzi-los com eficácia, e que muitos tinham dificuldade de compreender vocabulário básico como jornal, foto, legenda. Notamos que muitos apresentavam demandas em relação conhecimento de vocábulos básicos da Língua Portuguesa, incluindo termos do cotidiano. Também foram observadas questões relacionadas à estrutura gramatical da língua, especialmente na formação de frases e no uso adequado de seus elementos constituintes.

Portanto, para garantir maior efetividade no processo de ensino-aprendizagem, foi necessário substituir esse projeto inicial. As atividades foram reorganizadas com foco no fortalecimento de habilidades fundamentais de leitura e escrita, de modo a garantir uma experiência pedagógica mais significativa e compatível com as necessidades do grupo. Optou-se, então, por priorizar gêneros como a legenda fotográfica, o lead e notícias curtas.

Esse ajuste intencional está em conformidade com Maingueneau (2005), que considera que os gêneros jornalísticos são muitos e diversos e exigem do aluno a mobilização de diversos conhecimentos: **conhecimento enciclopédico**, o que ele sabe sobre a realidade que o cerca, sobre os temas vividos, discutidos e circundantes na mídia e no mundo; **linguístico**, o domínio da língua em uso; e **genérico**, o discurso se apresenta na forma de um gênero particular. Sendo assim, foi feita a escolha de trabalhar com os gêneros selecionados para possibilitar o desenvolvimento articulado dessas três dimensões**.**

Ao abordar temas do cotidiano escolar e social, as atividades promoveram o resgate e a ampliação do conhecimento enciclopédico dos alunos. O trabalho com a estrutura e a linguagem própria dos textos jornalísticos contribuiu para o fortalecimento do conhecimento linguístico em Língua Portuguesa como L2. Incluir integralmente o gênero textual no ambiente escolar significaria trabalhar com materiais autênticos, como jornais, revistas e bulas, promovendo, de fato, experiências reais de letramento (Guarinello, Massi & Berberian, 2007). Já a identificação e produção de cada gênero textual específico favoreceu a internalização de suas características discursivas, promovendo, assim, o domínio do conhecimento genérico.

Como diz Cereja & Magalhães (2000), o gênero notícia, por exemplo, tem a narração com a presença de fatos, tempo, lugar, como e por quê; compõe-se de lead e corpo. No lead, normalmente se encontram respostas para as perguntas: o quê, quem, quando, onde, como e por quê; além disso, a linguagem é impessoal, objetiva e

na norma padrão. Ao fim da Oficina, percebemos que nossos alunos já reconheciam essas características e buscavam responder essas perguntas para construir seus próprios textos.

Cabe salientar que houve, ao longo de 2024, um período de greve na escola que foi reposto com aulas que se estenderam até abril com um recesso acontecendo em janeiro. Por isso, o retorno das oficinas, após o período de recesso escolar, em fevereiro, apresentou desafios significativos, especialmente no que se refere à baixa adesão dos alunos. A participação reduzida impactou, de certo modo, o andamento das atividades inicialmente planejadas. Contudo, houve um acompanhamento mais próximo de alguns alunos, com um atendimento mais individualizado a alguns participantes.

Quanto à avaliação da oficina, o progresso dos alunos foi acompanhado por meio da observação contínua durante as oficinas e da análise das produções escritas realizadas ao longo do projeto. As atividades propostas, como a criação de leads, notícias curtas e legendas, serviram como indicadores desse processo. Além disso, a observação do envolvimento no processo, incluindo a parte de preparação, na fixação e exposição de seus textos nos murais da escola, revelaram aspectos importantes sobre o impacto das atividades para os alunos.

A seguir, serão descritas as atividades pedagógicas desenvolvidas durante a oficina, bem como algumas das produções realizadas pelos alunos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro encontro, para iniciar o tema do jornal, perguntamos aos alunos o que é um jornal e para que serve. Naquele momento, alguns souberam dizer que divulga notícias e informações, outros não se expressaram. Sabemos que "esse veículo de comunicação está presente no dia a dia do cidadão que vive na zona urbana, seja por curiosidade para ler uma manchete, seja para procurar um emprego ou algo para comprar e vender" (Souza, p. 63, 2010).

No entanto, para muitos alunos surdos do INES, essa não é a realidade, seja devido a fatores sociais que limitam o acesso ao jornal impresso, seja por barreiras linguísticas que dificultam a leitura de textos, inclusive os disponíveis na internet. Além disso, a falta de tradução em Libras em grande parte dos meios de comunicação tende a dificultar e até mesmo a impossibilitar o acesso da pessoa surda.

Trata-se de uma discussão relevante, pois faltam inúmeras iniciativas, tanto no setor público como no privado, para o acesso à informação da pessoa surda. Isso se torna claro ao observarmos, por exemplo, a ausência de intérpretes nos noticiários dos canais mais populares da televisão como Globo, Band, Record e SBT e a falta de legendas ou intérpretes nos filmes brasileiros. Ademais, destacamos a carência de verba pública para continuidade de projetos como a TV INES ou para a criação de iniciativas como jornais idealizados com/para surdos.

Ainda no primeiro encontro, mostramos os jornais impressos que mais circulam no Rio de Janeiro como o Extra, o Dia, Meia Hora e o Globo. Demos ênfase às capas, colocando uma ao lado da outra no quadro, de modo que os alunos levantassem e lessem as manchetes, vissem as fotos, buscassem assuntos do seu interesse e fizessem perguntas sobre palavras e informações contidas ali (Figura 1). Nesse momento, alguns deles nunca haviam lido uma capa de jornal, portanto fizeram muitas perguntas sobre os textos e focaram bastante nas

imagens presentes.

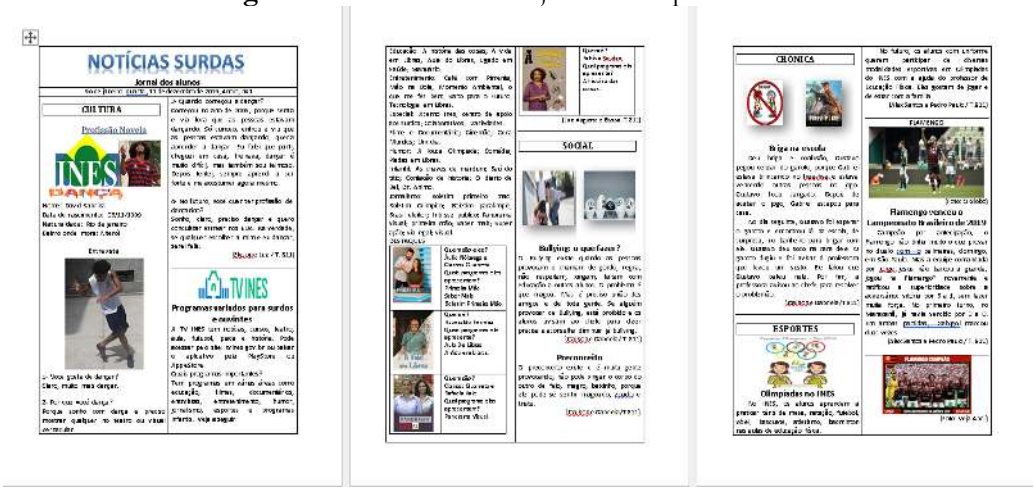
Figura 1 – Alunos na Oficina de Jornal.



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Foi especialmente interessante apresentar, num segundo momento, aos alunos um jornal produzido, em 2019, por estudantes do Ensino Fundamental do próprio Colégio de Aplicação do INES (CAp/INES). A atividade se mostrou relevante por demonstrar, de forma concreta, que eles também são capazes de realizar produções semelhantes. O jornal, criado integralmente pelos colegas da mesma instituição, incluía desde a escolha do nome e definição dos temas até a elaboração de seções relacionadas à surdez, à juventude e ao cotidiano escolar, incluindo notícias, entrevistas e crônicas (Figura 2).

Figura 2 – Notícias Surdas: jornal feito pelos alunos.



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Conforme mencionado anteriormente, refizemos nossa rota para focar em atividades de leitura e escrita adequadas ao nível de proficiência dos alunos. Por isso, optamos por concentrar a atenção na produção de leads, notícias curtas e fotos com legendas. Os temas que surgiram como interesse para nortearem as oficinas foram os relacionados ao funcionamento e a acontecimentos da escola, bem como notícias que circularam amplamente na sociedade, como as Olimpíadas de Paris 2024, por exemplo.

Dessa forma, a nossa primeira atividade de produção textual, após as duas aulas iniciais, iniciou-se com a organização do Cantinho de Leitura, que é um espaço onde os alunos podem pegar emprestado livros

infantojuvenis e revistas em quadrinhos e devolver quando quiserem. Depois de arrumado o espaço (Figura 3), pedimos aos estudantes que escrevessem sobre essa experiência, a partir de fotos que nós mesmas tiramos.

Figura 3 – Professoras e alunos no Cantinho de Leitura.

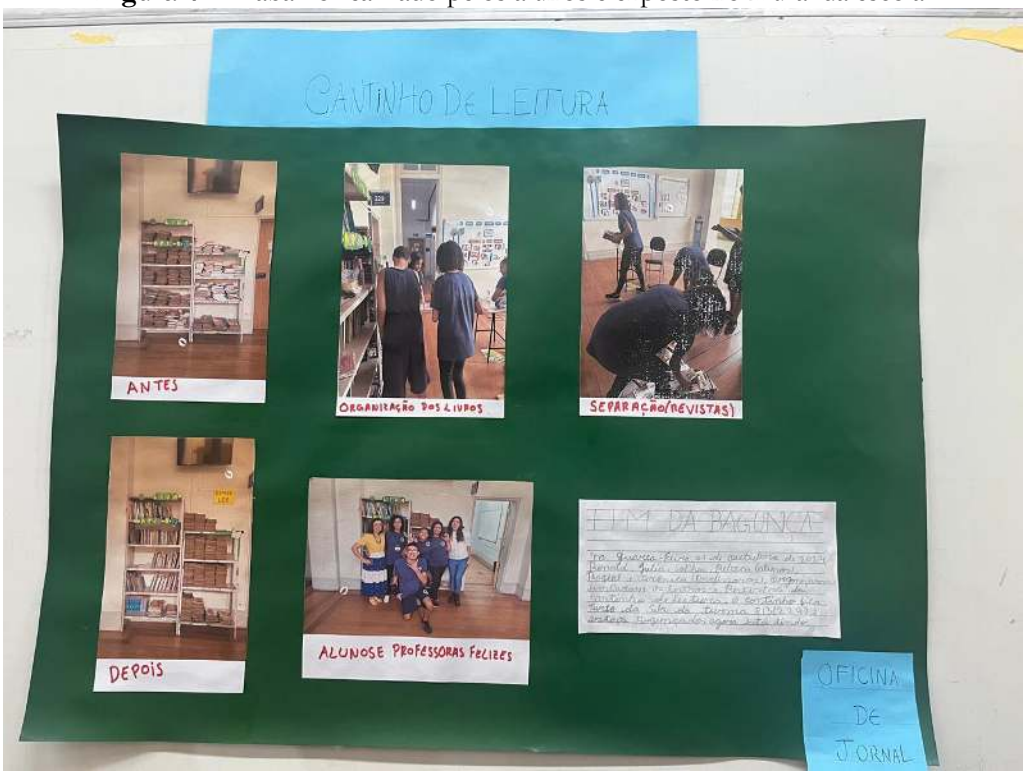


Fonte: Acervo pessoal (2024).

Trabalhando, ao longo do percurso, com produções que partiam de discussão em Libras, observamos, muitas vezes, uma baixa proficiência em Libras e/ou em português escrito, em alguns casos, associadas a outras necessidades específicas de determinados estudantes. Havia, por um lado, alunos que só conseguiam escrever com mediação e acompanhamento totalmente individual; por outro, alunos mais autônomos, que precisavam apenas de apoio pontual para ajustes em estruturas gramaticais. Essa diversidade evidenciou a necessidade de estratégias diferenciadas e sensíveis às necessidades linguísticas e cognitivas de cada estudante, o que foi feito durante as aulas.

Nessa atividade sobre o cantinho de leitura, os estudantes também partiram da interação para a criação de legendas para as fotos e de um lead (Figura 4). Para elaboração do lead, os discentes responderam às seguintes perguntas: *quem, quando, onde, o quê, por quê, como* para depois juntar as informações no texto. Nessa atividade, visto que eles não conheciam as palavras referentes à descrição das ações executadas, as professoras iam interagindo em Libras e escrevendo no quadro: termos como *organização* e *separação* e verbos como organizar (*organizaram)* e estar (*estavam)* no passado, dentre outros.

Figura 4 – Trabalho realizado pelos alunos e exposto no mural da escola.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Com a proximidade das Olimpíadas, decidimos desafiar os alunos a criar legendas para as fotos dos atletas brasileiros que conquistaram medalhas em Paris. Para isso, assistiram a vídeos em Libras sobre os Jogos Olímpicos e leram manchetes em língua portuguesa. Os alunos, ao observarem fotos de atletas brasileiros, demonstraram bastante interesse e conhecimento sobre o assunto. Uma atleta que chamou a atenção foi a Rayssa Leal, por ter sinalizado uma mensagem em Libras. Esse gesto foi amplamente divulgado e repercutiu positivamente nos estudantes, despertando um sentimento de pertencimento e estabelecendo um vínculo entre o universo esportivo e a comunidade surda.

Além disso, os alunos reconheceram diversos atletas, modalidades e medalhas conquistadas, o que mostrou que as Olimpíadas foram, de alguma forma, acessíveis a esses estudantes surdos. Vale destacar a ampla cobertura midiática aliada ao forte impacto visual presente nas performances esportivas, e ainda a divulgação de notícias relacionadas ao evento via redes sociais de surdos e tradutores intérpretes. Isso sugere que os esportes podem oferecer caminhos mais acessíveis para a participação da comunidade surda, favorecendo o engajamento em atividades didáticas relacionadas ao tema.

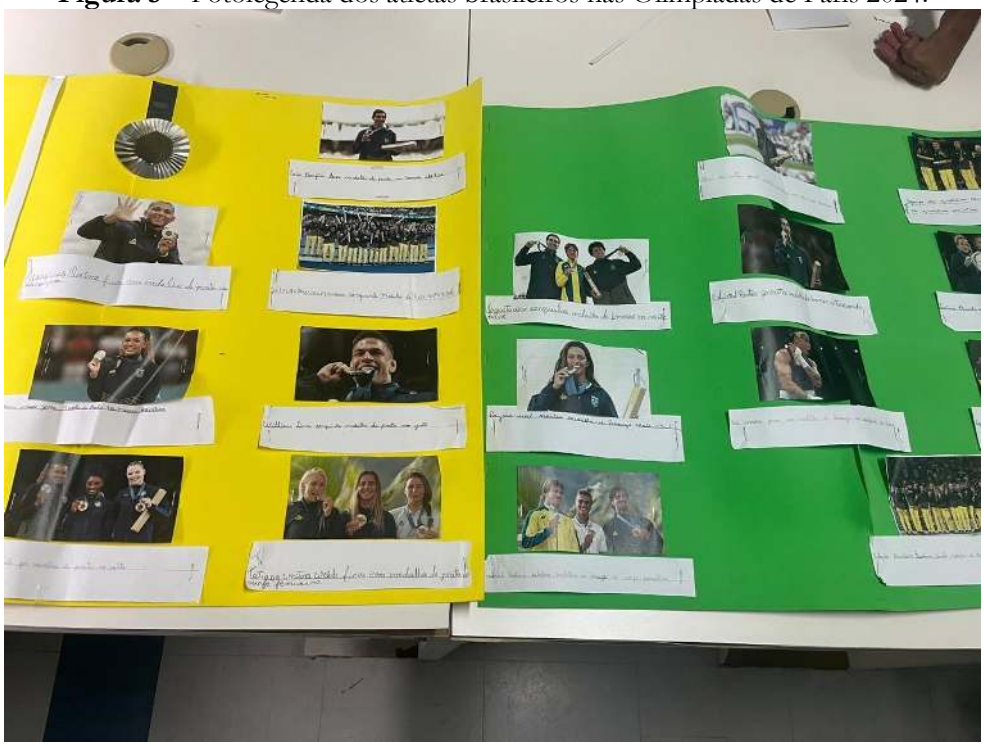
Quanto à parte escrita, iniciamos com a identificação dos tipos de medalhas (ouro, prata e bronze), usando imagens, vídeos e sinais em Libras para garantir a compreensão do vocabulário. Em seguida, exploramos os nomes dos esportes olímpicos, associando cada um a imagens e sinais correspondentes. A Libras foi fundamental para a construção de sentido nesse processo, favorecendo o reconhecimento das modalidades e despertando o interesse pela pesquisa de informações adicionais.

Na etapa seguinte, trabalhamos com modelos de frases na estrutura SVO (sujeito-verbo-objeto), como por exemplo: *"Rayssa Leal ganhou medalha de prata no skate."* ou *"A seleção feminina conquistou medalha de prata no futebol."* Essa estrutura foi escolhida por ser simples, direta. Com o apoio da Libras, os alunos puderam organizar

as informações de forma coesa no português escrito. A prática com frases-modelo, a construção coletiva no quadro e a revisão com mediação em Libras permitiram que os estudantes escrevessem se aproximando de estruturas frasais próprias da língua portuguesa escrita.

Alguns desafios observados na atividade relacionaram-se ao conhecimento lexical dos verbos e, principalmente, ao domínio da sua conjugação na Língua Portuguesa. A apropriação da escrita de verbos como "levar", "conquistar" e "ganhar" constituiu um desafio para os estudantes, sobretudo devido às diferenças estruturais entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o português escrito, o que exigiu estratégias pedagógicas específicas para facilitar a compreensão e o uso adequado dos tempos verbais no português, como o, por exemplo, o pretérito perfeito. Vemos, a seguir, uma foto da atividade (Figura 5).

Figura 5 – Fotolegenda dos atletas brasileiros nas Olimpíadas de Paris 2024.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Durante o ano de 2024, houve ainda uma situação relevante para o trabalhar na oficina: uma campanha na escola para levar os alunos e a comunidade surda ao Super Centro Carioca da Prefeitura do Rio, a fim de realizarem exames de vista e adquirirem novos óculos. Como o INES levou praticamente todos os estudantes da Educação Básica, incentivamos os discentes a criar legendas para as fotos e a escrever uma notícia, incluindo o depoimento de uma aluna sobre a importância da iniciativa (Figura 6).

A produção do texto apresentou desafios, especialmente no que diz respeito ao uso de estruturas linguísticas típicas da língua portuguesa e do gênero notícia. A frase inicial, por exemplo, que começa com *Sábado, 19 de outubro*, foi construída com base em modelos apresentados e exigiu orientação. O uso de verbos compostos e, também, concordâncias verbais como em *foram fazer*, *foram saber* e *receberam*, também necessitou de intervenção/ mediação.

Durante a atividade de produção textual, buscamos garantir a autonomia dos alunos surdos do 9º ano em todas as etapas do processo. Embora tenhamos proposto correções gramaticais, optamos por preservar a

naturalidade da escrita dos estudantes, respeitando suas escolhas linguísticas e valorizando sua expressão em português como segunda língua.

Um exemplo disso é o título do texto — *ÓCULOS: LIVRE PARA VER* — que foi mantido exatamente como sugerido pelos alunos, mesmo apresentando uma estrutura não convencional. Além disso, decidimos não corrigir completamente algumas inadequações gramaticais finais, como o uso de "ele foram" em vez de "eles foram", a ausência de acento em "tem", e o uso do verbo no presente logo após um verbo no passado — "foram fazer exame para saber se a visão está boa ou ruim" — que refletem interferências naturais da Libras na estrutura do português. Essas escolhas pedagógicas visaram reconhecer o percurso linguístico dos alunos e valorizar seu protagonismo na construção do texto.

Figura 6 – Cartaz de divulgação das fotolegendas e da notícia sobre o Super Centro Carioca de Saúde.

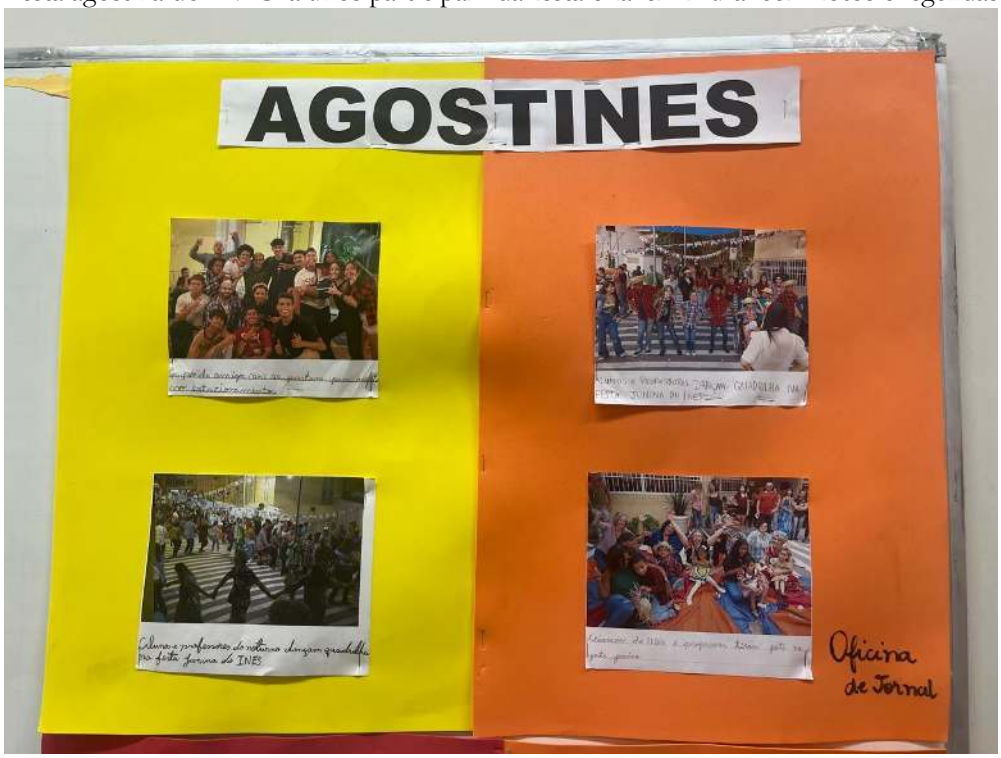


Fonte: Acervo pessoal (2024).

Passado o evento do Super Centro, aconteceu a tradicional Festa Junina no Ines, que, devido à greve, havia sido adiada para agosto. Pedimos, então, aos alunos que criassem legendas para as fotos oficiais do evento (Figura 7). Durante a proposta, houve interação em Libras, a visualização das imagens gerou entusiasmo, pois alguns alunos se reconheceram nas fotografias, o que aumentou o interesse pela atividade e favoreceu o engajamento na produção textual. Aproveitando esse envolvimento, propusemos a criação das próprias legendas com base nas imagens do evento. Essa abordagem valorizou a vivência dos alunos, reforçou sua identidade no ambiente escolar e promoveu um aprendizado contextualizado.

Nessa atividade, as dificuldades encontradas incluíram o uso de preposições e estruturas como "se juntam *para* tirar foto" ou "*dançam quadrilha*". Foi possível perceber que os alunos, ao tentar descrever as imagens, recorriam a construções mais próximas da Libras, o que nos levava a apresentar e reforçar as estruturas típicas da língua portuguesa escrita, sem deixar de valorizar suas produções iniciais.

Figura 7 - Festa agostina do INES: alunos participam da festa e fazem mural com fotos e legendas sobre isso.

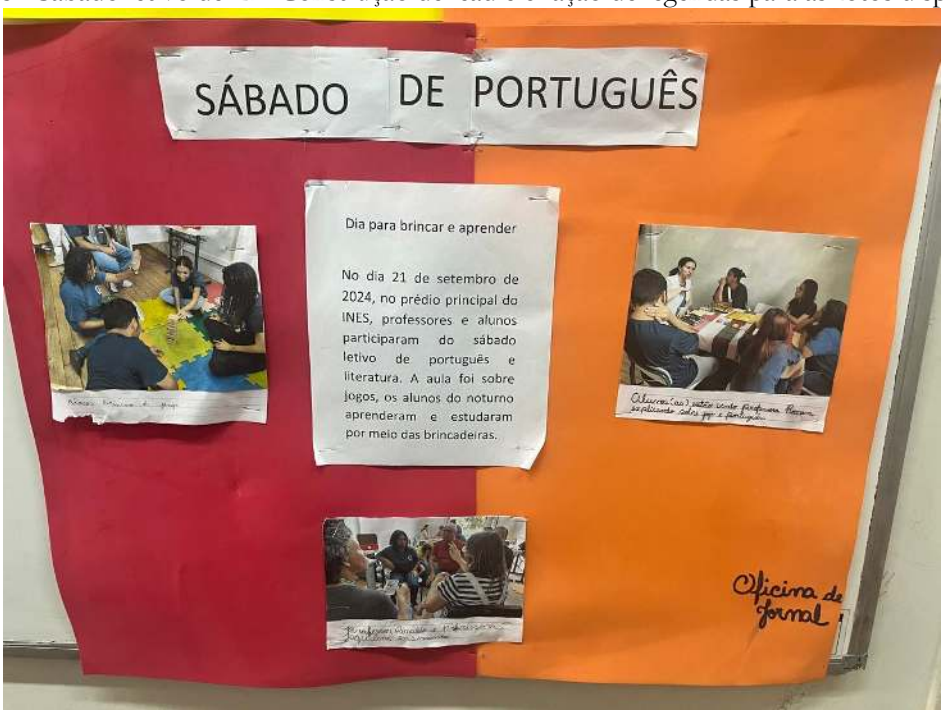


Fonte: Acervo pessoal (2024).

Em razão da greve ocorrida em 2024, de abril a julho, haviam sido adotadas algumas medidas de reposição de aulas e uma delas foi a aplicação de sábados letivos que foram divididos por equipes. No sábado anterior a um dos encontros da oficina, havia ocorrido o de Língua Portuguesa (LP), por isso solicitamos aos alunos que criassem legendas para as fotos e que fizessem uma notícia curta (Figura 8).

No momento da escrita, ficou evidente que expressões como *prédio principal* e *sábado letivo* ainda não faziam parte do repertório lexical dos estudantes, o que dificultava a produção textual. Também houve dificuldades na conjugação verbal no pretérito perfeito de verbos como *participar*, *aprender* e *estudar*, resultando em construções imprecisas ou no uso de formas do presente. Além disso, observou-se a falta de domínio no uso de preposições e locuções prepositivas, como em frases do tipo *a aula foi sobre jogos* ou *estudaram por meio de brincadeiras*, revelando a necessidade de trabalhar com mais ênfase os elementos gramaticais que estruturam o texto em Língua Portuguesa como L2.

Figura 8 - Sábado letivo de LP: Construção de lead e criação de legendas para as fotos disponíveis.



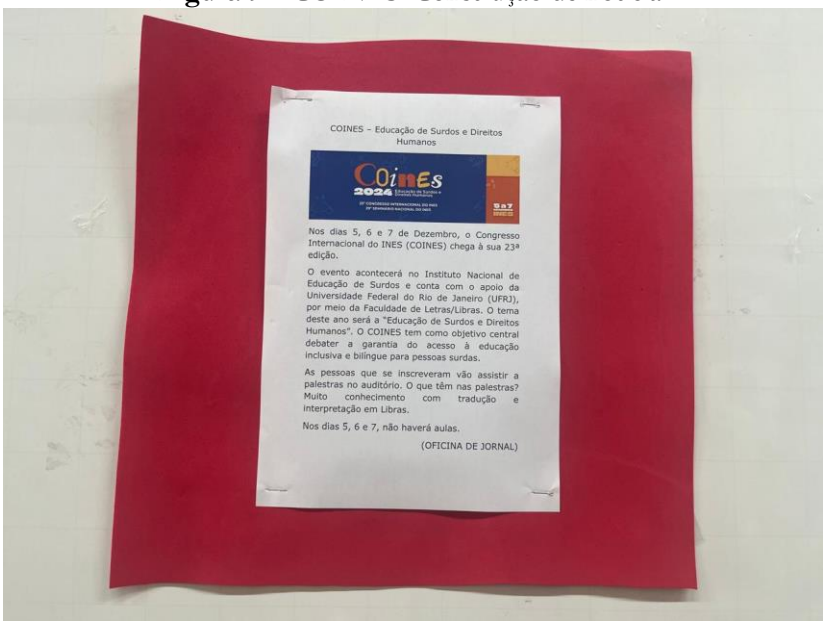
Fonte: Acervo pessoal (2024).

Outro evento anual e tradicional no INES é o Congresso Internacional, que trata de assuntos relacionado a surdez e educação. Como parte das atividades da Oficina de Jornal, propusemos aos alunos a criação de uma notícia sobre o Congresso Internacional do INES (COINES), a partir da leitura e análise do cartaz de divulgação do evento. A atividade incluiu uma roda de conversa inicial em Libras, com explicações sobre o que é um congresso, a importância do evento e o significado do tema proposto naquele ano. Em seguida, os alunos foram orientados a observar o material gráfico, identificar informações essenciais (datas, local, tema e público-alvo) e responder oralmente, em Libras, às perguntas do lead jornalístico: o quê? quem? quando? onde? como? por quê?

Durante a elaboração do texto sobre o COINES, os alunos demonstraram autonomia ao incluir, por iniciativa própria, o objetivo central do congresso e ainda acrescentaram a informação de que, nos dias do evento, não haveria aulas para os estudantes do CAp/INES. Esses elementos indicam uma boa compreensão do conteúdo e preocupação em comunicar dados relevantes ao público leitor.

No entanto, houve dificuldades ao responder à pergunta "onde?", pois, mesmo após identificarem corretamente que o evento ocorreria no INES, tentaram usar a informação "com apoio da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)" como se fosse o local do evento. Essa troca é compreensível, já que a UFRJ é, de fato, uma instituição física e conhecida pelos alunos como um lugar real, o que pode ter levado à associação direta com a pergunta "onde?". Diante disso, as professoras retomaram com a turma a diferença entre local de realização do evento e instituições parceiras.

Figura 9 – COINES: Construção de notícia.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

A seguir, podemos ver uma foto de alunos participando ativamente da Oficina de Jornal, demonstrando entusiasmo e engajamento com a atividade (Figura 10):

Figura 10 – Alunos da Oficina de Jornal.



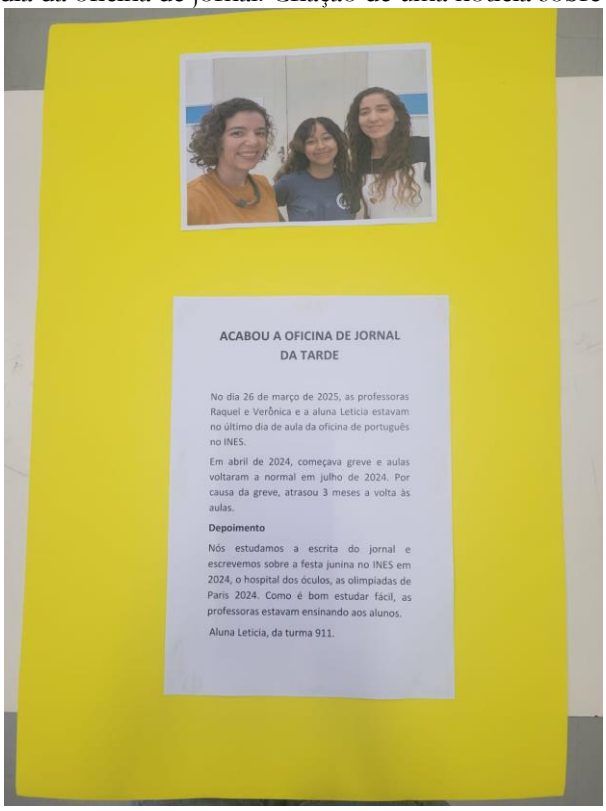
Fonte: Acervo pessoal (2024).

Por último, depois do retorno das férias, os alunos não compareceram a alguns encontros da Oficina, porém nos dois últimos dias de aula, apareceu uma aluna que fez a seguinte notícia sobre o fim das oficinas no colégio com um depoimento pessoal sobre o projeto (Figura 11). Durante a atividade, a aluna apresentou dificuldade em lembrar das perguntas do lead jornalístico — o quê, quem, quando, onde, como e por que — que havíamos trabalhado ao longo das oficinas.

Diante disso, retomamos em Libras, de forma dialogada, cada uma das perguntas, ajudando-a a relacionar essas questões aos acontecimentos vivenciados na turma. Com esse apoio, ela foi conseguindo organizar suas ideias e construir o texto, que incluiu uma breve retrospectiva dos temas trabalhados, como a Festa Junina, o hospital dos óculos e as Olimpíadas de Paris 2024.

Apesar das ausências nas últimas semanas da Oficina, foi muito significativo perceber o interesse e o envolvimento demonstrados por essa aluna. Seu empenho em produzir uma notícia sobre o encerramento das atividades, acompanhada de um depoimento pessoal, evidenciou não apenas o vínculo afetivo com a proposta, mas também a memória das experiências vividas ao longo do ano, demonstrando que o conteúdo trabalhado fez sentido e permaneceu em sua trajetória escolar.

Figura 11 – Último dia da oficina de jornal: Criação de uma notícia sobre o último dia de aula.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Nessas atividades, os alunos puderam refletir sobre momentos vivenciados no cotidiano, principalmente o escolar, puderam pesquisar e praticar a escrita de forma contextualizada. Nesse sentido, trabalhar com o ensino contextualizado de língua portuguesa dentro do espaço escolar aumenta as competências comunicativas / interacionais dos alunos para os espaços sociais e profissionais, por isso Antunes (2014, p. 11) diz que "[...] a competência linguístico-comunicativa das pessoas é um dos recursos fundamentais para o êxito de suas múltiplas atuações sociais, sobretudo no âmbito profissional e dentro de contextos urbanos."

Além disso, essa abordagem favoreceu significativamente o trabalho com o vocabulário em língua portuguesa, que contribuiu para a ampliar as possibilidades de conhecimento de mundo dos participantes. Esse aspecto é fundamental, uma vez que, como destaca Orlandi (2017), a interpretação do discurso se constrói a partir das experiências vividas, das formações ideológicas e do lugar social ocupado pelo sujeito.

Os temas relacionados ao funcionamento e aos acontecimentos da escola, além de notícias de maior abrangência, como as Olimpíadas de Paris 2024, despertaram interesse por aproximarem as propostas ao universo dos estudantes. Usando suas fotos e suas próprias experiências, os alunos puderam se reconhecer nas atividades realizadas, o que fortaleceu o vínculo com as temáticas abordadas. Essa identificação teve papel fundamental no engajamento dos estudantes.

Muitos alunos expressaram satisfação ao verem seus textos fixados e expostos nos murais da escola, o que reforçou a importância do reconhecimento no processo educativo e demonstrou a pertinência da proposta e sua conexão com o universo dos estudantes.

Apesar de os avanços terem ocorrido de forma gradual e em ritmos variados entre os participantes, observou-se uma crescente familiaridade com os gêneros abordados, bem como um esforço contínuo para organizar ideias e aplicar estruturas básicas de texto. Assim, consideramos o saldo da Oficina de Jornal pode ser considerado positivo, pois os alunos permaneceram engajados e demonstraram progresso em suas habilidades de expressão escrita.

Ressaltamos que a flexibilidade adotada pela equipe pedagógica frente aos desafios apresentados foi essencial para manter a proposta ativa e centrada no processo de ensino-aprendizagem, respeitando o ritmo e as necessidades específicas dos alunos participantes.

Na próxima seção, teceremos as considerações finais sobre a experiência, destacando os principais aprendizados, desafios enfrentados e contribuições para o ensino de alunos surdos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Almeida *et al.* (2015), o processo de ensinar leitura e escrita a estudantes surdos deve estar fundamentado na construção de um letramento que tenha sentido, vinculado a práticas sociais reais e adaptado aos contextos e finalidades de uso da língua escrita. Nesse sentido, a experiência na Oficina de Jornal permitiu observar como práticas pedagógicas contextualizadas, aliadas à flexibilidade metodológica, podem favorecer o processo de letramento de alunos surdos da Educação Básica.

Ainda que o projeto inicial tenha sido reformulado em razão das demandas de leitura e escrita apresentadas pelos discentes, a proposta reconfigurada — com foco na compreensão e produção de gêneros jornalísticos como lead, legenda e notícia curta — mostrou-se eficaz por respeitar os ritmos e necessidades do grupo, contribuindo para um aprendizado mais significativo.

De acordo com Quadros (1997), no ensino de alunos surdos, é essencial utilizar textos genuínos, que estejam em sintonia com a faixa etária dos estudantes. O principal é que esses textos tenham significado e relevância para a vivência tanto na sala de aula quanto no cotidiano do aluno. Observamos, então, que as atividades desenvolvidas, pautadas no cotidiano escolar e em eventos relevantes para os estudantes, contribuíram para o fortalecimento da competência linguística e para o engajamento dos participantes.

A adaptação contínua às necessidades apresentadas pela turma; o uso de materiais criados, com base nas características da turma e conforme as especificidades linguísticas dos alunos; e a valorização de suas experiências reforçam a importância de práticas pedagógicas significativas no ensino de português para surdos.

Segundo Molina & Vieira (2018), "o bilinguismo é muito mais do que a exposição a duas línguas: é parte de um projeto maior de empoderamento do surdo e propicia que o papel da escola seja cumprido na construção de conhecimento e na constituição autônoma dos estudantes". Assim sendo, a Oficina cumpriu essa função de construir o conhecimento e de constituir os alunos de forma autônoma, em que eles mesmos iam se construindo com a ajuda das atividades pedagógicas desempenhadas pelas professoras.

Os docentes que consideram construir o letramento de surdos com práticas sociais reais, contextualizadas, respeitando as necessidades do grupo, tendo como base o português como L2, tendem a resultados mais exitosos. O trabalho com jornal é muito rico para discentes surdos, uma vez que é de uso frequente na sociedade, estimula a curiosidade dos leitores, tem apoio imagético e apresenta uma gama de gêneros discursivos que podem ser trabalhados em séries diversas de acordo com a habilidade de leitura e escrita dos estudantes. Com isso, a produção de jornais feitos por surdos em diferentes plataformas, sejam elas impressas ou digitais, seria muito importante para o desenvolvimento desses jovens.

Este trabalho demonstrou que metodologias baseadas no protagonismo estudantil podem gerar resultados significativos no processo de ensino-aprendizagem. O uso de gêneros textuais em situações reais de comunicação mostrou-se uma estratégia potente para a formação de leitores e produtores de texto mais autônomos, críticos e habilidosos (Bonini, 2011).

Assim sendo, a experiência da Oficina de Jornal evidencia que, quando respeitadas as especificidades linguísticas dos alunos surdos, suas necessidades individuais e quando oferecidos contextos de aprendizagem significativos, é possível desenvolver práticas de letramento eficazes e inclusivas. Essa proposta pode, portanto, servir de referência para o trabalho pedagógico com estudantes surdos, a partir de aprimoramentos conforme objetivos específicos e a realidade local. O incentivo à produção de textos ancorados em vivências reais, a articulação entre Libras e Língua Portuguesa escrita, bem como o uso de gêneros socialmente reconhecidos, são estratégias que podem compor práticas educacionais com alunos surdos.

REFERÊNCIAS

Almeida, D. B. (2017). Política educacional e formação docente na perspectiva da alfabetização. *Educação***.** Santa Maria (RS), v. 32, n. 2, p. 327-342. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br. Acesso em: 05 maio de 2025.

Antunes, I. (2014). *Gramática contextualizada*: limpando o "pó das ideias simples". 1ª ed. São Paulo: Parábola.

Bonini, Adair. (2011). Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. *In:* Karwoski, A. M., Gaydecska, B., & Brito, K. S. (Orgs.) *Gêneros textuais:* reflexões e Ensino. 4a ed. São Paulo: Parábola Editoral, 2011.

Campos, Mariana L. I. L. (2013). Educação Inclusiva Para Surdos E As Políticas Vigentes. *In:* Lacerda, Cristina B. F.; Santos, Lara F. (Orgs.). *Tenho um aluno surdo, e agora?* Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2013. p. 37-61.

Cereja, W. R., & Magalhães, T. C. (2000). *Texto e interação:* uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual.

Faria, M. A. D. O. (2003). *Como usar o jornal na sala de aula.* 8ª ed. São Paulo: Contexto.

Fernandes, S. F. (2015). *Práticas de letramento na educação bilíngüe para surdos***.** Curitiba: SEED, 2006. Disponível em: https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Fernandes_praticas_letramentos-surdos_2006.pdf. Acesso em: 05 maio 2025.

Fernandes, S. (2012). *Educação de surdos*. Curitiba: InterSaberes.

Guarinello, A. C., Massi, G., & Berberian, A. P. (2007). Surdez e linguagem escrita: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, 13, 205–218.

Maingueneau, D. (2005). Análise de textos de comunicação. tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 4ª ed. São Paulo: Cortez.

Molina, K. S. M., & Vieira, C. R. Prática pedagógica na educação de surdos: o entrelaçamento das abordagens no contexto escolar. SciELO Brasil. *[S. l.]*, *Educ. Pesqui.* 44, 2018. https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844179339.

Orlandi, E. P. (2017). *Análise de discurso:* princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

Quadros, R. M. De, & Karnopp, L. G. (2004). *Educação de Surdos: para uma escola bilíngue***.** Porto Alegre: Mediação.

Quadros, R. M. (1997). *Educação de surdos:* a aquisição da linguagem. Artes Médicas. Porto Alegre.

Souza, L. V. D. (2010). Gêneros jornalísticos no letramento escolar inicial. *In:* Dionísio, A. P., Machado, A. R., & Bezerra, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editoral.